

## O USO DO COMPUTADOR EM SALA DE AULA COMO PRÁTICA CULTURAL DOS UNIVERSITÁRIOS.

Eduarda Escila Ferreira LOPES<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este artigo apresenta uma discussão sobre o uso do computador em sala de aula como parte de uma nova prática cultural escolar do século XXI. Na sociedade contemporânea a interconexão em rede influencia diretamente na vida dos indivíduos, em suas relações e hábitos, ou seja, interfere de forma determinante na cultura mundial, provocando uma série de transições entre o “tradicional” e o tecnológico, derrubando barreiras que outrora eram intransponíveis pela maioria, como a distância física, por exemplo. Um exemplo de como as novas tecnologias digitais e seus utilitários vêm mudando o hábito da sociedade está no processo de ensino e aprendizagem. Se antes, o computador era uma ferramenta utilizada nas secretarias das escolas, para impressões de documentos e cadastro de funcionários e alunos, hoje este equipamento está dentro das salas de aulas, nas mãos de alunos que, em tempo real, se comunicam em redes sociais, realizam pesquisas educativas, além de diversas outras possibilidades. Neste texto faz-se a opção por apresentar estudos sobre o comportamento digital e sua trajetória, assim como estudos históricos de instrumentos escolares presentes no processo de aprendizagem. Também apresenta resultados de uma pesquisa quantitativa, descritiva e exploratória realizada com estudantes universitários.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação. Tecnologia. Digital. Cultura.

### Introdução

No mundo das novas tecnologias está clara a reorganização do cotidiano em que o tempo e o espaço são regidos pela velocidade, pelos computadores e sistemas de comunicação à distância que deixaram de ser desafios e se tornaram realidade. Neste tempo as relações humanas estão diretamente envolvidas pelo trânsito de informações, que tecem a sociedade e articulam a política, moldam a cultura e reestruturam a economia.

Neste contexto é preciso estudar a presença do computador em sala de aula como dispositivo de construção da educação. Existe uma nova prática cultural que permeia a vida escolar que também deve ser estudada e determinada como item obrigatório de estudos da área.

---

<sup>1</sup> Mestre em Comunicação e Poéticas Visuais. UNESP – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação – Pós-graduação em Comunicação. Bauru – SP – Brasil. 17033-360. UNIARA – Centro Universitário de Araraquara. Coordena cursos de graduação e pós-graduação lato sensu. Araraquara – SP – Brasil. 14801-320. É proprietária da LATTERE Assessoria, empresa de planejamento, pesquisa e comunicação em turismo - eduardaescila@gmail.com

A cada dia é maior a presença do computador e da internet como recurso para a vida escolar e, em algumas escolas, geralmente nas particulares, os dispositivos são oferecidos em aula, compondo até mesmo o marketing das instituições como um diferencial no processo de ensino-aprendizagem. Do outro lado, as políticas públicas apontam cada vez mais para a construção de laboratórios com lousas digitais e conectados à internet, fazendo com que os próprios alunos se comprometam a usar esse recurso. Na educação de nível superior, a tecnologia digital se torna cada vez mais presente na sala de aula, aparecendo como recursos usando para pesquisa e também como novo instrumento de registro de conteúdos.

Assim, existem alguns aspectos que podem ser estudados para contribuir para o entendimento do dinamismo da cultura escolar. Primeiro, identificar o uso do computador como dispositivo escolhido pelo aluno para armazenar e produzir informações e, conseqüentemente, o momento em que a escolha é a exclusão dos cadernos e fichários.

Por outro lado, se o docente conseguir incentivar a produção coletiva, a presença do computador em sala pode ser usada para que o aluno contribua com a aula e compartilhe informações em tempo real com os colegas.

O computador deixa de ser mero instrumento, apenas uma máquina, e passa a ser um dispositivo pedagógico. Nos cadernos, os alunos têm uma organização de conteúdo já conhecido, identificado por folhas, partes que dividem as “matérias”. Ou o caderno serve para uma disciplina ou ele tem várias partes que servem para várias disciplinas. E no computador, como isso se verifica? Como o aluno se organiza?

Questões como estas nos levam a acreditar que é preciso investigar cientificamente o uso do computador como parte da cultura escolar contemporânea para, assim, verificar indícios de organizações e métodos que o aluno constrói na sua relação com a tecnologia.

### **Elementos da Cultura Escolar: Do Caderno ao Computador**

Os cadernos escolares são instrumentos constantes em várias etapas da vida escolar, tornando-se o elemento que acompanha o indivíduo do ensino fundamental à pós-graduação. Para cada aluno a presença do caderno tem um valor, um significado, uma forma de uso e um cuidado. Ao ser iniciado no uso do caderno o aluno recebe orientações e regras estabelecidas como, por exemplo, margens, formas de anotações,

formas de registros espontâneos, desenhos e, até mesmo tipos de rasuras e correções permitidas. Estas regras vinculam-se ao grau de estudo e à política da instituição de ensino. Sua função pode se assim descrita:

[...] os cadernos escolares, à medida que são utilizados nas escolas, tornam-se registros de parcela do cotidiano e das relações do contexto de ensino. Porém, não são objetos neutros que unicamente registram que se passa. Também imprimem, ao cotidiano escolar, especificidades relativas ao seu uso. Implicando na exigência e domínio de alguns saberes bastante específicos ao seu manuseio e preenchimento. (GVIRTZ, 1997 apud SANTOS; SOUZA, 2005, p.292).

Compreender os cadernos é compreender parte do cotidiano escolar. O ser humano, até os dias atuais, ainda tem como elemento central do estudo o caderno, que aos poucos vem sendo companheiro das novas tecnologias, entre elas, o computador, o *notebook* e, em menor escala, os dispositivos móveis, conforme a seguinte indicação.

Com efeito, o antigo modelo do caderno diário é uma crônica dos trabalhos e dos dias, que põe em representação a cultura da escola primária como um patchwork único de saberes, no qual os escritos de cada dia são costurados com paciência aos dos dias precedentes, na engrenagem ritualizada das escrituras cotidianas e do retorno cíclico das matérias previstas a cada semana. (CHARTIER, A.-M., 2001, p.20).

Quando olhamos para a evolução da humanidade percebemos que o desenvolvimento tecnológico possibilitou mudanças em muitas áreas, mas se prestarmos atenção no campo da educação veremos que este evoluiu, constantemente, na medida em que novas tecnologias e possibilidades apareceram para compor o rol de dispositivos de pesquisa, interação e resultados.

Os avanços tecnológicos na área da informação têm mudado consideravelmente o modo de vida das pessoas. Nos últimos anos não só a economia, mas também o mercado de trabalho e as corporações têm sido afetados por essas mudanças e toda a cultura tem sido influenciada pelo mundo digital.

Isso tem proporcionado um novo comportamento, fazendo com que as ideias e conhecimentos, muitas vezes guardados por um pequeno grupo ou uma só pessoa, se propaguem e se complementem ampliando a intitulada “inteligência coletiva”, assim apontada:

[...] o papel da informática e das técnicas de comunicação com base digital não seria substituir o homem, nem aproximar se de uma hipotética “inteligência artificial”, mas promover a construção de coletivos inteligentes, nos quais as potencialidades sociais e cognitivas de cada um poderão desenvolver se e ampliar de maneira recíproca. (LEVY, 1999, p.25).

A tecnologia pode ser considerada um novo paradigma da sociedade, produzindo novas formas de produção de saberes e conhecimentos, portanto, o computador (ou *notebook*) é hoje um elemento presente no dia a dia escolar, seja em sala de aula, seja na elaboração de tarefas. Através dele são realizadas pesquisas que antes eram feitas somente por meio de livros e revistas; também são ilustrados os trabalhos, que antes eram desenhados e, finalmente, são arquivados os conteúdos.

O estudante, ao usar o computador para as atividades acadêmicas, atribui ao aparelho a categoria de dispositivo, ora complementar ao caderno, ao livro, ora substituto do caderno. Nos níveis de ensino superior e médio é visível a presença de *notebooks*, *netbooks*, *tablets* em sala de aula. No nível superior, a cada ano letivo é possível observar a organização dos trabalhos escolares dentro dos computadores e não é raro encontrar um aluno trazendo ao docente as tarefas para serem corrigidas no dispositivo. O dispositivo se torna a agenda escolar e da vida do aluno, mas ao mesmo tempo, comporta seu gosto musical, sua vida financeira, entre outros aspectos, que eram objeto de registro em locais específicos. A organização, antes destinada aos cadernos (dividida em matérias, linhas, páginas, divisões) agora é acomodada em pastas e subpastas, pois

[...] a tecnologia refere-se a arranjos materiais e sociais que envolvem processos físicos organizacionais, referidos ao conhecimento científico aplicável. No entanto, a tecnologia não é propriedade neutra ligada a eficiência produtivista e, não determina a sociedade, da mesma forma que esta não escreve o curso da transformação tecnológica. Ao contrário, as tecnologias são produtos da ação humana, historicamente construídos, expressando relações sociais das quais dependem, mas que também são influenciadas por eles. Os produtos e processos tecnológicos são considerados artefatos sociais e culturais que carregam consigo relações de poder, intenções e interesses diversos. (OLIVEIRA, 2011, p.101).

A necessidade de expressar pensamentos e sentimentos acompanha o ser humano desde os tempos mais remotos, por isso, o homem chegou até as tecnologias da

inteligência que são, segundo Kenski (2007, p.27) “[...] imaterial, ou seja, ela não existe como máquina mas, como linguagem. Para que essa linguagem pudesse ser utilizada em diferentes tempos e espaços, foram desenvolvidos inúmeros processos e produtos.”

Assim as novas tecnologias vêm revestidas de linguagens que são parte do ser humano, desde a forma mais antiga de expressão que é a linguagem oral, até formas particulares construídas por cada agrupamento, para manter diálogo e transmissão de informações. Portanto, a necessidade de comunicação fez com que o ser humano criasse tecnologias com linguagem capaz de responder aos anseios e assim motivar novos comportamentos.

Na escola, professores e alunos usam preferencialmente a fala como recurso para interagir, ensinar e verificar aprendizagem. Em muitos casos, o aluno é o que menos fala. A voz do professor, a televisão e o vídeo, além de outros tipos de “equipamentos narrativos”, assumem papel de “contadores de histórias” e os alunos de ouvintes. Por meio de longas narrativas orais, a informação é transmitida, na esperança de que seja armazenada na memória e aprendida. A sociedade oral, de todos os tempos, aposta na memorização, na repetição e na continuidade (KENSKY, 2007).

A criação da linguagem escrita se deu pela própria necessidade do homem que, ao deixar de ser nômade e passar a ocupar espaços, precisou registrar e comunicar algo a partir da compreensão. O homem que escreve não é necessariamente o homem que lê. O registro elimina a possibilidade de não haver comunicação.

Conforme relata Kensky (2007), para chegar à utilização do papel, o homem iniciou suas atividades de comunicação com registro em cavernas, ossos, pedras e peles de animais, passando pelo papiro, pergaminho, dentre outros. O papel foi inventado pelos chineses há mais de dois mil anos, oriundo da cortiça de uma árvore tendo sua produção se iniciado em meados do século XII. Com a produção do papel surgiram as muitas formas de impressão e grafia que Gutenberg, em 1450, transformaria na nova tecnologia que possibilitou a impressão em série e revolucionou a cultura com a democratização do acesso às informações, com profundas implicações.

A complexidade dos códigos da escrita e o domínio das representações alfabéticas criam uma hierarquia social, da qual são excluídos todos os “iletrados”, os analfabetos. A escrita reorienta a estrutura social, legitimando o conhecimento valorizado pela escolaridade como mecanismo de poder de ascensão. (KENSKY, 2007, p.31).

Neste sentido, Chartier (2009, p.115) fundamenta que a leitura e a escrita são indicadores culturais macroscópicos e compósitos e não medem exatamente a difusão, nem a capacidade de escrever e nem a leitura. Situando seus estudos na Europa do século XVI e XVIII, exemplifica:

[...] atendo-me apenas a alfabetização masculina, a escrita se torna mais familiar; em cem ou 150 anos o aumento do número dos que sabem assinar o nome (portanto dos que com certeza sabem ler e talvez também escrever) é de 40% na Escócia, 30% na Inglaterra e 19% na França.

Ainda traz dados de outras regiões que não só a Europa, onde o crescimento da leitura se deu pelo registro de assinaturas em certidões de casamento e testamentos, e faz também uma correlação entre número de assinaturas e alfabetização, avanços e recuos das economias:

[...] se a conjuntura cultural da Provença é bem marcada, como alias em toda parte, por um crescimento das taxas de alfabetização ( entre o final do século XVII e o começo do XIX, numa mostra de vinte comunidades, treze dobram a porcentagem dos que sabem assinar o nome), esse crescimento não exclui as estagnações e os retrocessos entre épocas de conquista, que são o período de 1650-80 e os cinquenta ou sessenta anos posteriores a 1740. Evidentemente, os motivos das recessões variam de um lugar a outro, devendo-se à deteriorização da rede escolar, ao afluxo de imigrantes menos alfabetizados ou ainda à mediocridade da conjuntura econômica global. Contudo, demonstram que o acesso das sociedades ocidentais a escrita entre os séculos XVI e XVIII não foi um progresso linear e contínuo. E talvez seja essa fragilidade que mãos o diferencia do processo de alfabetização baseado na escolarização universal que se desencadeia irreversivelmente no século XIX. (CHARTIER, 2009, p.117).

Deste modo as diferenças entre homens e mulheres ficam claras no que diz respeito à escrita. Uma média de 30% de vantagem dos homens em relação as mulheres. Outra diferença marcada pela escrita são os ofícios e condições.

[...] as censuras são bem nítidas; os clérigos, os gentis-homens, os grandes comerciantes, todos( ou quase todos) sabem assinar o nome; entre os artesãos qualificados(ourives,seleiros, fabricantes de tecidos) e os lavradores (yeomen) é o caso de sete ou oito homens entre dez, mas apenas de um entre dois na maioria das profissões, em especial no ramo têxtil ou de vestuário. Em seguida vem os comerciantes e artesãos de aldeias ( ferreiros, carpinteiros, moleiros, açougueiros etc.) dos quais apenas 30% ou 40% sabem assinar o nome;e na base da

escala os grupos em que a melhor das hipóteses um homem entre quatro assina operários da construção, pescadores, pastores, pequenos meeiros (husbandmen), trabalhadores agrícolas (labourees). (CHARTIER, 2009, p.119)

A leitura confere ao homem mudanças nas relações de poder e o mesmo autor aponta que a leitura silenciosa foi uma das principais evoluções da sociedade, demonstrando poder de interiorização do conhecimento e de reflexão. Então o poder da leitura, a posse do livro, passa a significar, dentro da sociedade, distinção entre os homens, objeto de posse, listados inclusive em testamento como bens valiosos.

Por outro lado, a leitura em família reúne as pessoas em torno de informações e instruções da socialização do conhecimento, assim como se faz na escola: quem sabe mais, lê para quem conhece menos.

Nesse movimento foi criado um modelo de escola no qual o aprendizado é feito com o professor falando e o aluno como ouvinte. Num momento seguinte e para o restante da sua vida escolar, o aluno anota no caderno o que o docente diz, suas explicações, às vezes interpretando as anotações. Até que a sociedade da informação traz à tona a necessidade de ter, compartilhar e criar tecnologias que facilitem ainda mais a escrita, a leitura, o registro. Tendo por base o papel, a escrita, a leitura e os meios de comunicação, aparecem o computador e a internet, que mais uma vez revolucionam o comportamento humano.

### **Cultura e Ambiente Digital**

Nos novos padrões da sociedade contemporânea diretamente influenciada pela internet, conceitos como ciberespaço e cibercultura se confundem à medida que as pessoas transpuseram o limite entre “receber” e “fornecer” informações. Este é um novo espaço que é preenchido por características culturais próprias que são modificadas pelos avanços tecnológicos. A interconexão em rede influencia a sociedade como um todo, facilitando organizações, alterando hábitos, diminuído distâncias e servindo como instrumento de organização das pessoas nos mais diversos sentidos: ensino, pesquisa, social e político.

A partir daí a internet instaura-se como o conceito de inteligência coletiva, a qual permite através das redes sociais não só aproximar as pessoas, mas também fazer com que elas possam contribuir, juntar ideias, projetos e conceitos.

[...] é uma inteligência distribuída por toda a parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em mobilização efetiva das competências. Acrescentemos à nossa definição este complemento indispensável: a base e o objetivo da inteligência coletiva são o reconhecimento e o enriquecimento mútuo das pessoas, senão culto de comunidades feiticizadas ou hipostasiadas. Uma Inteligência distribuída por toda parte; tal é o nosso axioma inicial. Ninguém sabe tudo, todos sabem alguma coisa, todo saber está na humanidade. (LEVY, 1999, p.28).

A configuração da sociedade em rede é inerente ao ser humano, pois o ser humano sempre se reuniu aos semelhantes usando como critérios trabalho, amizades, relações religiosas, políticas e outras. É certo que durante a vida o indivíduo vai expandindo sua rede. Então o conceito de rede social, dentro de uma análise teórica, não pode ficar restrito e interligado com tecnologias, mas sim, deve-se interpretar a sociedade em rede para entender o caminho do ser humano até as novas tecnologias e redes sociais.

No ambiente digital essa possibilidade é ampliada, pois é possível reunir várias linguagens e interagir de diversas maneiras e a aplicação disto pelo aluno no ambiente escolar pode ter como resultado um novo comportamento e novos hábitos.

A linguagem digital é composta essencialmente por hipertextos – sequências de documentos – que, interligados, funcionam como páginas. Estas, dependendo da ação do usuário, podem avançar para textos que aprofundem ou detalhem mais cada assunto. Quando são incorporados ao hipertexto fotos, vídeos e sons, podemos produzir a hipermídia, que possui implicações culturais:

A linguagem digital, expressa em múltiplas TICs, impõe mudanças radicais nas formas de acesso à informação, à cultura e ao entretenimento. O poder da linguagem digital, baseado no acesso a computadores e todos os seus periféricos, à internet, aos jogos eletrônicos etc., com todas as possibilidades de convergência e sinergia entre as mais variadas aplicações dessas mídias, influencia cada vez mais a constituição de conhecimentos, valores e atitudes. Cria uma nova cultura e uma outra realidade informacional. (KENSKI, 2007, p.32).

E nesse ambiente também é possível notar a mudança de comportamento dos alunos em relação a pesquisas, leituras e registros, por meio da “publicização” das imagens, dos conteúdos compartilhados, das cópias e, sobretudo, da sociedade da imagem.



Segundo Tomaél e Alcará e Di Chiara (2005, p.93 ):

[...] nas redes sociais cada indivíduo tem sua função e identidade cultural. Sua relação com outros indivíduos vai formando um todo coeso que representa a rede. De acordo com a temática da organização da rede, é possível a formação de configurações diferenciadas e mutantes.

Ainda segundo as autoras, a rede é uma estrutura não linear, descentralizada, flexível, sem limites definidos e autorganizável que se estabelece por relações horizontais de cooperação.

As redes são formas de capturar informações e por isso, no ambiente organizacional, também tomaram um lugar de destaque como facilitadoras ou influenciadoras de processos. Aparecem como redes formais e informais. A maneira como se dá a formação da rede faz com que, na maioria das vezes, ela passe despercebida na vida do ser humano. Podem ser informais, invisíveis, ou seja, a conexão pode estar oculta. Para perceber isso basta parar e se perguntar: Quando paramos para pensar nas redes das quais fazemos parte?

As redes sociais estão e são hoje alvo de desejo do ser humano, que a partir de certa idade já é questionado pertencer ou não a uma rede. Assim, pessoas entram nas redes cada vez mais jovens. Por outro lado “a melhor idade” antes restrita a contatos telefônicos, impressos ou televisivos, cria hábitos e se aproxima deste panorama também através das redes sociais.

Existem vários olhares que podem ser lançados sobre as redes sociais a começar por dois itens que as movimentam: informação e conhecimento. A informação está no domínio pessoal, ou seja, o sujeito recebe o fluxo e define se o mesmo acrescenta ou não ao estado anterior.

O fluxo de informações recebidas pelo indivíduo e processadas conforme suas crenças, valores e experiências anteriores o conduz à ação e ao conhecimento que são compartilhados como forma de exposição de sentimentos, emoções e convicções.

Desta forma, ao integrar uma rede social e compartilhar, o indivíduo passa a trocar informações como parte do hábito diário. Cabe estudar até que ponto este hábito gera conhecimento e é adotado como tal pelos receptores de mensagens.

**Compartilhar: Informação como fato e possibilidade de conhecimento**

Na atualidade entende-se compartilhar por dividir com alguém, distribuir informações ou experiências. Vivemos numa imensidão de dados que nos são enviados e que enviamos tal quais as ondas de um oceano que vão e vêm num ato contínuo.

É comum para um grande grupo de pessoas, dentre elas estudantes, compartilharem a rotina diária através das redes sociais fazendo do compartilhamento um novo hábito, para alguns quase um vício. No âmbito do processo ensino aprendizagem é importante estudar o compartilhamento como fato do cotidiano do aluno e incluí-lo na discussão da cultura escolar.

Segundo Levy (1999), um dos principais aspectos de compartilhamento é o comportamento baseado na cultura comum e na confiança entre os envolvidos no processo. Prevalece no processo a linguagem e a cultura comum, tornando a internet um exemplo de construção cooperativa orientada pela interconexão e pelo desenvolvimento das comunidades virtuais.

Desta forma, as linguagens midiáticas alteraram o modo de vida contemporâneo, criando uma cultura baseada em imagens dispostas por diversos meios e isso reflete nas práticas diárias de jovens em sala de aula, assim como, também na prática do docente.

Para observar as mudanças descritas na pesquisa bibliográfica, foi realizada uma pesquisa quantitativa descritiva exploratória com alunos universitários de 2ª a 4ª séries, que objetivou aferir a porcentagem de uso do computador em aulas como instrumentos de registro e anotações, pesquisa e interação. Também foi observada a porcentagem de alunos que usa o dispositivo como instrumento substituto ao caderno. O questionário utilizado aferiu informações de perfil dos entrevistados como sexo, idade e série de estudos. Também questões com objetivo de identificar comportamento do uso de *notebook/tablet* em aula, frequência, objetivo do uso. Por fim, os entrevistados responderam sobre o aspecto cultural de substituição do caderno pelo *notebook*.

## Resultados

A pesquisa entrevistou 27 alunos do curso superior de Publicidade e Propaganda num universo de 155. Para coleta de dados foi utilizado questionário disponível pelo Google Docs entre o período de janeiro e fevereiro de 2013.

Dos entrevistados, 50% são homens e 50% mulheres, 96%, apresentam idade entre 18 a 22 anos. São estudantes da 2ª a 4ª séries do ensino superior, sendo 35% da segunda série, 35% da 3ª. série e 31% da 4ª. série. 92% responderam que levam seu

computador pessoal (*notebook*) para sala de aula, o que demonstra um comportamento de uso contínuo do instrumento e também um novo comportamento, já que até então o único instrumento de registro que aparece na cultura escolar é o caderno. Perguntados sobre a frequência com que levam o computador para sala de aula, 26% dos entrevistados responderam que levam o computador pessoal todos os dias da semana para as aulas, 19% em dias alternados, 52% apenas nos dias que precisam para fazer trabalhos e 1% em outras ocasiões, reforçando o comportamento de uso do computador como parte do processo de transição entre o caderno e o computador. Tal resultado reforça a tese de que é preciso colocar na pauta de estudos científicos sobre cultura escolar a presença do computador não só como equipamento de auxílio audiovisual, mas também como nova forma de organização do material discente.

Ao continuar a investigação sobre o aparato tecnológico presente em aula a pesquisa teve como resultado que 20% dos alunos já possuem *tablet* e destes, 22% levam diariamente para as aulas. O uso do *tablet* é feito da seguinte maneira: 17% usam para pesquisa e anotações de aula, 17% para pesquisa, conexão em redes sociais e anotações em aula e 65% não levam o *tablet* para sala de aula.

Quando perguntados sobre o caderno, 84% afirmam levá-lo para a sala de aula, o que denota que mesmo usando o computador o estudante não eliminou o uso do antigo registro, embora, muito provavelmente, seja um hábito trazido das outras instâncias escolares.

A pesquisa investigou também o uso do computador em aula, e os resultados apontam para um novo comportamento, quando 41% dos entrevistados usam o computador para anotações e pesquisa em sala de aula, 31% usam também para pesquisa e conexões em redes sociais e 7% apenas para conexão em redes sociais.

Quando foi solicitado aos entrevistados que comparassem caderno e computador e afirmassem se há uma substituição do meio moderno pelo tradicional, 62% dos entrevistados responderam que o computador substitui o caderno.

Desta forma pode-se observar que na atualidade os computadores são instrumento presentes na vida escolar do aluno do ensino superior, não só como recurso didático através de projetos e laboratórios, mas também como forma de organização dos conteúdos curriculares por parte dos alunos.

A conexão com a internet é vista pelo aluno como elemento de pesquisa e convívio social, através do compartilhamento de ações e informações. A presença de novos dispositivos como o *tablet* aparece como reforço do uso de aparatos tecnológicos.

É evidente que esta é uma década de transição do caderno para o computador, que deve ser analisada para que não haja um vácuo entre o ensino superior e o ensino médio e fundamental. Existe uma tendência para que as novas gerações adquiram durante sua vida escolar um novo comportamento em relação ao uso dos computadores cada vez mais cedo. No que tange ao ensino médio e superior este comportamento já pode ser identificado como nova forma da cultura escolar.

### **Considerações**

Através desta pesquisa foi possível perceber que o uso do computador em sala de aula não é mais um recurso e sim um aspecto cultural quando diz respeito aos universitários. O computador antes esperado em laboratório para compor as grades curriculares de disciplinas técnicas e práticas, hoje exerce a função de instrumento de organização de conteúdos.

A cultura escolar tem no caderno seu histórico instrumento de registro e condução de conteúdos, por onde docentes e alunos se organizam numa troca constante de conceitos. Através do caderno o docente faz as explanações e padroniza o que será verificado.

No ensino superior da atualidade, é possível observar a troca da cultura do caderno pela cultura do computador como instrumento de registro de conteúdos. Não mais um mero coadjuvante, o computador ganha espaço nas carteiras escolares como forma ágil e integrada, convergindo.

O comportamento afirmado pelos entrevistados universitários demonstra a importância da valorização deste novo elemento, confirmando a hipótese da Era Pós-Papel que se caracteriza por mudanças profundas na leitura, na escrita e com isso no funcionamento cerebral do ser humano.

#### ***THE COMPUTER USE INSIDE A CLASSROOM AS A CULTURAL MEASURE FOR UNIVERSITY STUDENTS***

---

***ABSTRACT:*** *This article presents a discussion about the computer use inside a classroom as part of a new cultural scholarship practice on the XXI century. In our contemporary society, the interconnection within the web has a directly influence on each individual life, on his/her relations or habits, which means, it has a straight interference on the world culture, triggering a series of transitions between "traditional" and technological, bringing down barriers that were uncrossable for most*

people, such as physical distance, for example. A clear example about how new digital technologies and its applications have been changing society habits lies in the process of teaching and learning. As of before, computers were only a tool used at school offices, to print documents or registration of students and employees, today we can find these equipment inside classrooms, on the very hands of students who will, in real time, talk between them in social network websites, doing school researches, among other possibilities. On this text there are options to display studies about the digital behavior and its trajectory, as well as its historical studies about school instruments inserted in the learning process. The article also presents results about a quantitative research, descriptive and also exploratory, conducted along university students, which has measured the degree of computer use as a notebook replacement.

**KEYWORDS:** Education. Technology. Digital. Culture.

---

## REFERÊNCIAS

- CHARTIER, A.-M. Um dispositivo sem autor: cadernos e fichamentos na escola primária. **Revista Brasileira de Educação**, Campinas, n.01, p.9-26, 2001.
- CHARTIER, R. **História da vida Privada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. São Paulo: Papirus, 2007.
- LEVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: 34, 1999.
- OLIVEIRA, M. R. N. S. Do mito da tecnologia ao paradigma tecnológico nas práticas didático-pedagógicas. **Revista Brasileira de Educação**, Campinas, n.18, p.101-107, 2001.
- SANTOS, A. A. C.; SOUZA, M. P. R. de S. Cadernos Escolares: como e o que se registra no contexto escolar? **Revista Psicologia Escolar e Educacional**, Maringá, v.9, n.2, p.291-302, 2005.
- TOMAEL, M. I.; ALCARÁ, A. R.; DICHIARA, I. G. Das redes sociais à inovação. **Revista Ciência da Informação**, Brasília, v.34, n.2, p.93-104, 2005.